

casão da greve dos funcionarios publicos...o coronel sr. Antonio Maria Baptista era chamado a presidir ao actual ministerio, cargo em que se evidenciou um bom e leal republicano, mostrando os melhores desejos de bem servir a Patria, dentro de um programa de ordem que se propunha levar a cabo e no qual foi valiosamente coadjuvado pelos seus colegas de gabinete.

A sua obra como chefe do governo está na memoria de todos para que seja preciso recordal-a. Ultimamente correram varios boatos de crise ministerial, apontando-se, no entanto o seu nome para presidir a um gabinete de reconstituição. O illustre extinto deixa viuva e filhos.

HISTORIA E LÉRIAS

A «Patria» diz que vai fazendo historia e nós que escrevemos lérias.

Por mais que a «Patria» queira apurmar-se, resvala sempre para aquele calão que produziu o *comido e o molho*.

Pois vá fazendo a historia que nós iremos lendo com todo o cuidado de quem procura em boa fé aprender, comparando.

Mas quando lemos aquella fileira de nomes todos... democraticos, excetuando dois ou tres que... «abandonaram a politica», ficamos a pensar o que sucedera a tantos democraticos quando lhes apparecer de frente umas eleições disputadas no concelho, estando os democraticos na opposição.

Tirada a prova real a tanta democracia, é possível que esse rol fique muito reduzido.

O que toda a gente sabia, o que todos esses homens affirmavam, era a sua fé republicana, o seu espirito republicano, o desejo de, pela sua acção, implantar uma era nova de progresso e de liberdade.

Conseguiram-n'o? Decerto.

E agora com os democraticos a mandar no concelho, a que se reduziu esse programma, que era o ardente desejo de todos ou quasi todos esses homens?

Se eram democraticos, estão agora completamente desiludidos. Não se desiludem da Republica porque ainda tem fé, esperam melhores tempos, em que o concelho ha-de ser libertado do escarracho que tudo perturba, tudo contamina, tudo desmoralisa, tudo desune e tudo persegue.

Ha porventura hoje alguma coisa de comum com aqueles tempos anteriores á vinda do sidonismo, quando no concelho só havia paz, ordem, boa vontade de todos em cooperar nos melhoramentos? quando o odio não existia, quando ninguém pensava em vinganças, quando todos se dirigiam á Camara, como corporação de todos, e onde todos eram igualmente recebidos, dando-se a justiça sem ninguém inquirir das suas amizades ou partidos?

Façam historia, que nós faremos os comentarios.

Devagar e sempre... até á liquidación final.

Abraço maldito

Bem diziamos que o abraço dado pelo sr. Antonio Maria da Silva ao sr. Domingos Pereira, na ultima reunião dos democraticos em Lisboa, havia de trazer fatalmente

nova scisão n'esse partido.

Já assim tinha sucedido ao sr. dr. Alvaro de Castro, que arrastou consigo a parte sã e honesta do partido.

Vêmos agora nos jornaes da capital que o sr. dr. Domingos Pereira acaba de se desligar do grupo parlamentar democratico, declarando que, por enquanto, se não desliga do partido. O passo mais importante já está dado — a separação do seu grupo de deputados do grupo do sr. Antonio Maria. O resto é pouco.

A desagregação dos democraticos é completa, ligam-se ainda e sómente a sevedeira. Em ella lhes faltando vac cada um para seu lado.

Em o sr. Antonio Maria se pondo a dar abraços... é obra acabada.

Posturas ilegales

No dia 9 do corrente mez foi votado, na camara dos deputados, um projecto de lei, cujo art. 3.º diz assim:

Art. 3.º—Ficam igualmente autorizadas as camaras municipais a cobrar taxas anuaes de licença para o exercicio do respectivo commercio e industria dos bancos, companhias emprezas e estabelecimentos commerciaes e industriaes, bem como das respectivas sucursaes, filiaes, agencias, delegações e correspondencias que exerçam a sua actividade na área dos respectivos concelhos.

§ unico—O pagamento por qualquer das entidades referidas neste artigo de contribuição industrial que lhe lór lançada não as isenta do pagamento da taxa annual de licença no mesmo artigo estabelecida.

Em face d'este projecto de lei, já aprovado n'uma das camaras legislativas, está finalmente demonstrado sem a menor duvida:

1.º que as posturas municipais d'Ovar, na parte em que obrigavam os municipios a tirar licença para exercer industrias e ao pagamento de taxas para o exercicio das mesmas industrias, eram e são nulas, porque vão contra a lei existente; e tanto assim que é preciso uma lei, agora ainda em projecto, para que a camara possa fazer taes exigencias;

2.º que muito legalmente julgaram os tribunaes, considerando, em suas sentenças e acordãos, nulas taes posturas, em face tanto da Constituição da Republica, como em face do art. 196 da lei de 7 d'agosto de 1913;

3.º que é igualmente nula a deliberação municipal, que novamente votou a obrigação d'essa licença e impostos, e por isso os municipios não são obrigados a tirar essa licença e a pagar esses impostos, ilegales sem que— a) aquelle projecto seja votado pelo senado e depois convertido em lei, publicada no jornal official, depois b) a camara fundada n'essa lei, vote a nova contribuição, ainda depois c) obtenha a aprovação da maioria das juntas das freguezias, e finalmente d) afixe os editaes a pôr em execução esse imposto.

Isto pelas nossas contas deve ir lá para o fim do ano de 1921, quando talvez não seja precisa tal receita á actual camara, ou ella a não queira cobrar, por terem mudado as circunstancias.

Está agora contra lei a cobrar impostos, não é sério. Succede como no ano passado, que pagaram uma decima parte dos contribuintes, enquanto outros se

riram. Na cobrança dos impostos deve haver a maior circunspeção—deve-se exigir só quanto a lei autorise.

E não é o que se tem feito na camara.

O libelo

Os inegualaveis ainda não foram capazes de demonstrar a inandade das acusações que desde ha muito lhes vimos formulando. Nem o Alfa, nem o Beta, nem o Omega, nem o Pécut, nem o Livio, nem o Martinho d'Aguiar, nem finalmente o caluniador-mór Alcino, se acharam ainda com coragem e energia de desfazer a impressão que essas acusações causaram no meio vareiro.

Vamos repeti-las, embora sucintamente, para que os nossos leitores nunca mais as esqueçam.

A primeira, dizia respeito ao republicanismo do sr. dr. Chaves, antes de 1910. Dissemos que era algo duvidoso e, se não nos bastasse para basearmos tal afirmativa, o facto de o seu nome não figurar no cadastro dos socios do unico Centro Republicano que existia em Ovar antes da proclamação da Republica, teriamos ainda o argumento bem symptomático de, sua excellencia n'uma celebre reunião, efectuada no dia 5 de Fevereiro de 1908, declarar que *lhe merecia sympathia por tradição de familia o partido regenerador de Ovar, a quem do melhor grado secundaria sempre que houvesse collisão de interesses, terminando por afirmar que nunca desejaria ser um desertor do referido partido*.

A segunda acusação foi dirigida ao homem dos 7 officios, ao sargento, chauffeur, taberneiro, amanuense, alfaiate, sapateiro e regedor, por receber indevidamente da Camara o ordenado dos dias em que não fazia serviço.

Por pouco tempo surtiu os efeitos desejados, pois o *hominho* de Deus de novo continua a faltar ao cumprimento dos deveres inherentes ao seu cargo, recebendo no fim do mez o ordenado por completo.

Uma santa pandega...

A terceira, veio a proposito das juntas militares e endossamo-la ao sr. capitão Zeferino Comossa, criticando-o por ter dado, áquellas a sua adesão, n'um momento dos mais perigosos para a segurança da Republica.

Apesar das epistolas que alguns dos seus camaradas dirigiram á «Patria» pretendendo defende-lo, a veracidade da nossa acusação prevaleceu, subsistiu, ficou de pé, porque os argumentos em que assentam eram irrefutaveis e as provas conclusivas.

A quarta foi motivada pelo fornecimento escandaloso d'uma saca d'assucar a um membro categorizado da caverina mocácea, para depois ser repartida por meia duzia de amigos...

Finalmente a quinta nasceu da cobarde agressão feita ao nosso presado amigo e distinto colaborador Afonso Abragão, e que constituiu uma vergonha para os que n'ella intervieram.

Não houve então ninguém em Ovar, que não verberasse com indignação a attitude menos correcta do sr. dr. Tavares, que nem sequer respeitou as normas do brio e do pundonor, atacando um

rapaz indefeizo no momento em que lutava com o sr. capitão Comossa, correligionario e amigo de sua excellencia.

Estas são as mais importantes. Outras se lhe seguirão, mas mais tarde. Por enquanto a occasião não é oportuna, não é propicia, não é azada...

E de resto, a sumptos de tão comprovada magnitude não podem ir assim d'afogadilho. *Paulatim sed firmiter*, devagarinho e sempre.

O libelo é grande e tremendo... e se Nosso Senhor Jesus Christo nos der vida e saude havemos de empregar todos os estorços para o completar, sem recorrermos á mentira porque nós desde que raciocinamos adotamos por lema a seguinte frase latina: *vitam impender vero*.

O "PRIMEIRO DE JANEIRO"

Quando no n.º passado pedimos ao «Janeiro» a proposito d'uns processos de transgressão de posturas, em que, proposadamente, se tinha falseado a verdade, só para deprimir o digno juiz desta comarca, supunhamos apear para o jornal, que lór dirigido por Baltar e pelo *pae* Ramos—dois honradissimos dirigentes que atravessaram largos anos no jornal que, merecê d'elles e do distinto corpo de redação, conservou sempre um alto prestigio no norte do paiz.

Nós eramos redondamente. Aquilo mudou depois da intervenção da moagem. Do antigo jornal ficou o nome.

Publicou-se a primeira noticia falsa e insidiosa—agora veio outra. E' questão de preço; porque o individuo que foi, na primeira, convencido de ter mentido, devia, á segunda, ser posto no meio da rua—se o jornal tivesse por director um Baltar ou um Ramos.

Esse individuo agora veio dizer que a «Patria» em fundo—«especialisa uma sentença proferida n'um processo de queixa crime, participada pela Camara Municipal do concelho contra Custodio Marques d'Oliveira Galante»—quando isto é genuinamente falso.

Porque a «Patria», em fundo e em largo, apenas trata do falecimento do Presidente do Ministerio, e da sua biografia.

E' possível que para não o aturar, promettessem escrever duas coisas sobre a sentença.

Mas, como ele não sabe ler o apenas pinta a sua assinatura, quando olhou para as letras gordas que o ultimo numero da «Patria» traz na primeira pagina, supoz ser o ataque á sentença; e assim foi logo para o «Janeiro» levar e pagar a noticia falsa e insidiosa que ali se lê.

E se a «Patria» vier com tal apreciação que o de Cortegaça exige; essa critica ha-de ser apreciada por quem tomou a seu cargo tal assunto.

As praças e o commercio

No domingo passado as praças da nossa vila foram sobresaltadas com tabelas e exigencias postas em pratica pelos soldados da Guarda Republicana.

Quer na praça da hortaliça, quer na das galinhas, os soldados intimaram os vendedores de ervilhas e galinhas para que não vendessem, senão por uns preços, que eles marcaram, varios artigos, e, pouco depois, alteraram para menos esses preços n'um dos generos.

Isto fez-se inopinadamente, sem, qualquer aviso ou publicação. Ora havendo dois jornaes no concelho qualquer d'elles publicaria gratuitamente comunicados

da autoridade ou da comissão de subsistencias que fossem de interesse publico, como uma tabela de preços.

Não se admite que soldados vão para as praças impôr preços sem mais nem menos. Ninguém acredita que eles não recebessem ordem para coagir o povo a fazer a venda pela forma como a impunham.

Ora é preciso saber: 1.º quem deu essa ordem; 2.º porque procedeu assim inopinadamente, sem qualquer aviso; 3.º em que se fundou para fazer uma tabela, que dentro em uma hora era alterada.

Fosse quem fosse, que desse essas ordens, procedeu muito mal; prejudicou gravemente os interesses do concelho e especialmente os do commercio licito da vila.

Alarmando-se os pequenos vendedores, que trazem á praça os produtos da sua industria agricola, para, com o dinheiro apurado da venda, comprar os arranjos da sua casa, faz com que esses concorrentes das praças procurem outro mercado, onde não sejam perseguidos, e lá se abastecerão dos artigos de que precisam.

Repetida a scena de domingo, as praças dentro em pouco ficarão completamente abandonadas, e, os que precisam, não terão os produtos da pequena lavoura nem caros, nem baratos; e o commercio de retalho da vila ficará reduzido a coisa nenhuma.

E' muito bom, para os que não produzem, comprar tudo barato; mas o povo é que não pôde estar ás ordens d'essa gente.

Atravessamos um periodo de crise, e bom é que haja senso comum da parte de quem superintende n'estes assuntos de natureza muito delicada, porque se tem de atender aos complicadissimos interesses em jogo.

Conversando?

—Não, meu caro Omega. Desconversemos. Tu não és o mesmo.

—Não sou o mesmo quem?

—O mesmo homem vivo, alegre, chistoso...

—Mau! Tu queres entrar-me em casa e eu com a chave no bolso! Se és meu amigo, não me fales assim.

—A minha franqueza pode não te agradar, mas o que é certo é que ela nasce precisamente da minha amizade. Nunca em tua vida tiveste a falar-te pela boca de um amigo lialdade mais perfeita. Tu devias deixar-te disto de escrever para a gazeta.

—Homem! Falas-me a sério?

—A serio.

—Então entendes na tua invocada qualidade que te dá direitos maiores ainda que o sangue, entendes que eu deva em assuntos municipais que parturejei, deixar passar em julgado o *verdictum* dum tribunal?!

—Deves, meu caro, porque não é assim que se anulam sentenças judiciais, nem se invalidam as bases que as justificam...

—O povo...

—Cal-te para aí. Não sabes o que dizes, evidentemente não pescas nada da forma do processo, nem da instancia para que se deve recorrer quando as regulares nos não atendem.

—E porque te não atendem?!

—Porque me não atendem?!

—Sim; porque confirmam os tribunais superiores as sentenças que do desta comarca te desfavorecem?

—Ora!... Porque não entendem nada de posturas municipais é que eu tenha en-

velhecido a estudar, a inventar, a basear, a discutir com um saber... só de experiências feitas.

—Justissima vaidade essa tua, perante quem conhece o que a tens praticado largamente...

—Aí vens tu lembrar-me pela millesima vez que já fui tudo desde cantoneiro a presidente do municipio! Já sei. Com mil raios de mil...

—Não te exultes. Socega esses nervos...

—Que chutice, homem. O que lá vai, lá vai...

—Pois sim, mas olha que ainda então fizeste melhor figura, mais decente figura que agora...

—O quê?!

—E' o que te digo.

—Explica lá isso! Não des comigo em doido! Explica. Não entendo nada da má figura que andas a fazer!...

—Ouve: tu acusaste o juiz...

—Sim senhor e com razão.

—Produziu-se a defeza...

—Não me fales em tal nome, que já estou nervoso! Esse raio de jornal é omniuso, é talassa por força! Não posso ouvir falar nele.

—Talassa?!

—Sim, homem, sim! Ali anda talassaria pela certa, porque a gente vê-se às aranhas sem saber como lhe hade responder.

—Não se lhe responde...

—E' o que eu faço. Tem-me saído de lá cada bico de obra que é de um homem tocar a rebate!

—Ah! Ah! Ah!... A rebate hein? Mas nem assim...

—E' verdade! Nem assim arranjo nada. Chovem cartas e mais cartas, rebuscam-se actas de eleições camarárias, copiam-se coisas e coisas, faz-se uma chinfrreira medonha e tres vezes nove, vinte e sete! Provamos sempre o contrario do que desejamos.

—Ah! e não percebeste ainda a linda figura que andas a fazer!... Queres ainda que ta mostre?!

—Bôias! Bôias! meu amigo. Manha de jesuita tens tu. Sada!... Bem! Bem! mas então entendes que eu devo deixar de escrever?

—Claro que sim. Nem sequer devias tocar em questões graves, de responsabilidade.

—Ah! meu amigo! que pena eu tenho de não saber muito, muito!...

—Não te tens tu governado? Nisso é que consiste o verdadeiro saber.

—Não ha duvida. Essa sciencia tenho-a eu. Eu e mais dois ou tres correligionarios que tu bem conheces. Arranjamo-nos muito honradamente, lá isso...

—Perfeitamente. Pois continuei entretenendo os vossos ocios com o que deixa, porque o mais é ar...

—E então não devo escrever nem mais uma linha?

—Fôra do *Conversando* não.

—Só ali! E porquê?

—Porque sempre é escrever de... capuz pela cabeça, sem responsabilidade.

—Tens razão. Mas se me veem a descobrir?

—Desaparece o Omega e assinas Calino. Tanto vale...

—Aceito. E' excelente o alvitre. Mas olha que se me fosse proposto por outro, diria eu logo que era piada.

Comissão de subsistencias

Foi nomeada a comissão de subsistencias do concelho. E assim composta: Presidente—Sr. Administrador

do concelho.

Vogaes—Srs. dr. Antonio Scbreira, notario; João Coelho, escrivão; José Maria Cabral, professor primario; Luiz Neves, empregado industrial, e capitão Manoel Leite.

D'estes cavalheiros, segundo consta, pediu a demissão o sr. dr. Sobreira, e ainda não assistiu a qualquer reunião, nem tomou posse, o sr. Luiz Neves.

O jornal oficial da politica a que a comissão parece pertencer, ainda nada disse sobre o assunto; e é conveniente saber quem toma a responsabilidade do que se váe passar no concelho com as medidas de pressão sobre os negociantes, que já se esboçam e propalam por ahí.

A cada um o que é seu.

UMA EXPLICAÇÃO

A «Patria» no seu ultimo numero, veio lembrar um facto já passado, que mais prudente seria não lhe bulir. Mas assim não o entendeu aquele orgão e depois sem respeito ou consideração por uma empresa que nos seus actos nunca deixou de satisfazer honradamente os seus compromissos, vem de animo leve arguil-a de que não queria pagar o seguro por um desastre, a que não lhe cabe responsabilidade alguma. E' para lamentar que o odio cego dos homens se sobreponha á justiça e á verdade, pretendendo amesquinhar a probidade dos outros homens, tão dignos pelo menos como eles. Pretende-se na local «Um par de botas» salientar que a empresa de pesca «A Republica», que é constituída por individuos não familiares da «Patria»—quize furtar-se á responsabilidade da indemnisação de um desastre por não reconhecer que desastre houvesse, antes pelo inquerito que se fez á tripulação do barco viesse confirmar cada vez mais a irresponsabilidade da empresa. Ainda assim esta, não obstante essa irresponsabilidade, formou desde os primeiros momentos em que a gerencia chegou a noticia vaga de um presumido desastre, a intenção de continuar a dar á familia do falecido durante a safra a soldada, percentagem e teca como se continuasse ao serviço.

E se este generoso e humano proposito não se efectivou imediatamente, foi tão sómente por a viuva nem sequer se ter apresentado ao gerente da empresa ou alguém que o represente nestas emergencias, afim de saber com o que podia contar. Mas não, a viuva deu-se pressa em reclamar oficialmente, e senhora dos seus direitos por ahí andou com um bilhetinho dum medico desta vila no bolso, fazendo barulho.

Nunca a censurámos por isso, talvez por nos ocorrer que a sua errada attitude lhe tivesse sido sugerida. Adeante.

Veio depois discutir-se o facto na imprensa, não advogando o possível direito da familia á indemnisação mas com o torvo proposito de imputar á empresa culpas que não tinha.

Passaram semanas e o caso foi participado á Capitania de Aveiro e chamada ali á conciliação a empresa, depois de declarar pelo seu representante quaes eram os seus propositos, isto é, que daria á familia a soldada e mais proventos durante a safra a que acima nos refe-

rimos, não se conciliou por não reconhecer que a morte fosse produzida por acidente do trabalho. E' bom que se saiba que nesta altura já havia conhecimento na Capitania, dado por medicos daqui, que o homem tinha recebido uma pancada quando ia no barco!!!

Mas adeante. Dias depois, o sr. dr. Antonio Santiago, advogado da esposa do falecido, procurou o encarregado da gerencia, sr. Nunes Branco, propondo a transação. O sr. Nunes Branco, que tinha amplos poderes para tratar o assumpto consoante o seu reconhecido criterio, depois de salientar que embora convencido de que a empresa não era materialmente responsavel pela morte do pescador pelo testemunho por ele directamente colhido dos outros tripulantes do barco, acedeu á transação, vencendo até para isso uns melindres profissionais do gerente, por uma questão moral e de comiseriação para com a familia do falecido pescador—tal como fôra os primeiros propositos do gerente, que podem ser testemunhados por varias pessoas de bem.

Assim, mesmo antes da empresa ser citada para os termos do processo, foram ao tribunal de Aveiro o sr. dr. Santiago e o representante da empresa, sr. Nunes Branco, fazer a transação, no que ficou consignado mais um acto moral do que a responsabilidade jurídica da empresa pelo pagamento da indemnisação.

Foi isto o que se passou, e não o que «A Patria» quer que seja. E a circumstancia da empresa pagar aquilo que juridicamente não era responsavel, era por si só um acto que devia merecer o respeito de quem quer que fosse e não ser motivo para rancorosas e falsas insinuações.

Esta explicação dá-a a empresa severamente á «Patria» e ao publico para que a julguem como entender.



Fizeram anos: Hoje, o sr. dr. Pedro Chaves.

Amanhã, o sr. dr. João de Oliveira Batista, medico nesta vila, e a sr.ª D. Esperança Valente, ausente no Rio de Janeiro.

Felicitações.

Noticiario

Falecimento

Faleceu ante-ontem uma filhinha do nosso muito estimado amigo sr. Antonio Ferreira Lamarão, probo e respeitavel comerciante em Manáos. O funeral teve lugar hontem, com grande concorrencia. Sentidos pesames.

Chegada

Chegou ha dias a esta vila, vindo de Manáos, o nosso estimado conterraneo sr. Antonio Rodrigues Abade. O nosso abraço de boas-vindas.

Térmas

Para as do Molêdo, retirou ha dias, o nosso particular amigo sr. Antonio Pinto Lopes Palavra, bemquis-

to negociante de pescadô nesta vila. Desejamos que colha o melhor resultado para a sua preciosa saude.

Doentes

Encontra-se quasi restabelecido o nosso bondoso amigo, sr. Miguel Redondo Gimenes.

— Tem sentido sensiveis melhoras o nosso estimavel amigo sr. Manoel Gomes da Silveira.

Correios e telegrafos

Com a passagem para 1.ª classe da estação dos correios e telegrafos desta vila, acaba de ser nomeado chefe da mesma, o nosso conterraneo sr. Virgilio Armando Duarte Silva.

Retirada

Retirou desta vila com sua ex.ª familia, para Oliveira de Azemeis, o nosso presadissimo amigo sr. Manoel Fernandes Pimenta, que aqui exerceu por alguns anos com elavada proficiencia e a contento de todos o cargo de chefe da estação telegrafo-postal.

Festas e romarias

Santo Antonio

Realisa-se hoje na sua capela erecta na Praça da Republica, desta vila, a festividade em honra deste Taumaturgo, constando, de manhã, de missa solêne a grande instrumental e de tarde, vespêras, sermão e procissão. Toma parte a filarmónica Boa-União.

S. João

Tambem tem lugar nos dias 23 e 24 do corrente, no lugar de S. João, os festejos em homenagem a este Santo jovial, constando, no primeiro dia, de arraial noturno, e no segundo, de missa solêne, sermão e procissão e de tarde arraial.

Assistem as duas reputadas filarmónicas de Ovar.

Senhora de Nadaes

Não se realisa este ano a festa e romaria religiosa de Nossa Senhora das Necessidades de Nadaes, sempre tão concorrida de povo desta vila e de todo o concelho. Em virtude de questões á ultima hora ali surgidas, o sr. Bispo d'a-cordô com o Paroco da freguezia resolveu que a festividade se não fizesse este ano, como não faz.

Porisso as pessoas que daqui lá tinham de ir cumprir suas promessas ficam avisadas de que o não devem fazer este ano, sob pena de ficarem sem efeito os seus votos, porque não ha ali nesse dia culto religioso.

Pedido

Acaba de ser pedido em casamento para o illustre alferes do 3.º batalhão, sr. Antonio dos Santos Neto, a ex.ª sr.ª

D. Lidia dos Santos Ribeiro, extremosa e distincta filha da sr.ª D. Rita dos Santos Ribeiro e do sr. José da Silva Ribeiro, falecido industrial desta vila.

Para o Brazil

Com destino ao Pará afim de novamente gerirem as suas casas commerciaes, partiram no dia 4 do corrente, os nossos estimados conterraneos e amigos, srs. José Ferreira Brandão e Antonio Maria Gonçalves Santiago.

O nosso abraço de despedida.

Morte por desastre

Na passada terça-feira deu-se no quartel desta vila, um lamentavel desastre que custou a vida a um pobre rapaz, recruta do mesmo, de nome Antonio Augusto de Almeida, do logar de S. Donato, desta vila.

Foi o caso que estando ele a tocar á bomba que fica perto da parada do quartel, tal velocidade imprimiu ao volante que a manivêla agarrando-o pelo cinturão o obrigou a dar, juntamente com ella, umas poucas de voltas, indo por fim estatelá-lo no lagedo que lhe serve de apoio, produzindo-lhe ferimentos na cabeça. Tão graves, porém, eles foram que recolhendo á Misericórdia desta vila, veio a falecer ás 18 horas do mesmo dia.

AGRADECIMENTO

A todas as pessoas que me cumprimentaram durante a minha estada na prisão, eu venho reconhecidamente agradecer-lhes com o preito da minha sincera gratidão, já que pessoalmente me é impossivel fazer-lo.

Ovar, 10 de Junho de 1920.

Benjamin Jayme d'Almeida.

Despedida

Ausentando-me temporariamente para a cidade do Pará pelo vapor Anselmo e por motivos superiores á minha vontade não me sendo possivel apresentar pessoalmente o meu abraço de despedida a todos os meus parentes e pessoas amigas, faço-o por este meio, para o que peço desculpa, e a todos hypotheco os meus limitados prestimos na dita cidade. Caixa Postal n.º 713.

José Ferreira Brandão.

Mobilia

Vende-se em perfeito estado, assim como uma banheira. Trata-se na rua Dr. José Falcão com Julio Pereira Vinagre.

Vende se

Um predio na costa do Furadouro. Bôa construção e bem localisado. Para tratar com João de P. Saranago.

AVIZ

Companhia Reseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129 PORTO

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefones: Expédiente 3919—Administração 5001

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agências no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

ANGELO GONZALEZ

— OVAR —

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas, de escrevações e estrangeiros. Papel para cartas, ídem de ver e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de para calçado, bolsas de borracha para tabaco e imi- escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, tos outros artigos

Depósitos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %

Depósitos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Emprestimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

Mindelo

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima responsabilidade Limitada

Capital Esc. 600.000\$00

Efetua seguros contra incendios, marítimos, terrestres, de vida, roubo, ceáras, accidentes de trabalho, etc., etc.

SÉDE EM LISBOA—Rua Nova do Almeida, 60.

DELEGAÇÃO NO PORTO—Rua Sá da Bandeira, 222-1.º

AGENTE EM OVAR:

Manoel d'Oliveira Paulino

RUA DR. JOSÉ FALCÃO, 22 a 26

Atlántica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$000

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$000

Séde: Lotos, 92—PORTO

Receta de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 »	71.197\$29,5	em 1915—	25.903\$15
» de 1916 »	537.897\$94,3	» » em 1916—	133.470\$90
» de 1917 »	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Áfora os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.

Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra intindações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao
Jaime de Sousa

Directores delegados

Agências em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo